

co piauiense Afonso Ferreira, um dos fundadores do Instituto Penido Burnier, e que por longos anos residiu em nossa cidade, onde seus filhos continuam a obra. * Coroada de pleno êxito a excursão da Orquestra Sinfônica de Campinas a Belém do Pará, onde se apresentou nas festas comemorativas do centenário do famoso Teatro da Paz. * Júlio Mariano, jornalista e historiador, proferiu conferência sobre “História e Folclore”, na cidade mineira de Jacutinga. * Três escritores de Campinas eleitos para a Academia Poços-Caldense de Letras: Maurício de Morais, Paulo Barros Camargo e Benny Silva.* A Escola Preparatória de Cadetes, de Campinas, deu ao seu salão nobre o nome de Carlos Gomes; conhecedor do fato, o Clube dos 21 Irmãos-Amigos ofereceu à entidade o busto do compositor campineiro e dessa confraternização resultou que a reunião de setembro, do Clube, dedicada, como de praxe, à evocação da Independência, foi realizada nas dependências da Escola, gentilmente cedidas pelo seu comandante, Coronel Zenildo Lucena; na bela noite de 15 de setembro coube ao responsável por esta publicação proferir a oração comemorativa * Noite de autógrafos no Centro de Ciências, Letras e Artes, em 16 de setembro, para lançamento do livro **Do Sonho à Conquista**, sobre Carlos Gomes, da autoria de Juvenal Fernandes * Em 22 de setembro, noite de autógrafos na Academia Campinense para lançamento do livro **Patuá de Recordações**, de Tomé Cabral, escritor cearense há muito radicado em Campinas * Nota dolorosa: o falecimento, em setembro, de Júlio Sudário, jornalista, escritor e antigo professor, havia muito radicado em Campinas; deixou, além do muito que escreveu pela imprensa, uma “História de Itápolis” (cidade onde residiu por muitos anos) e as “Cartas que não são persas”; grande amigo desta publicação, que estimulou desde o seu início, aqui fica nossa sentida homenagem.

*

* *

MEMÓRIA CAMPINEIRA

LEOPOLDO AMARAL

Leopoldo Amaral, jornalista e historiador campineiro, foi durante quase meio século correspondente em Campinas de **O Estado de São**

Paulo. Nas páginas desse jornal publicou a maior parte das crônicas que posteriormente reuniu no livro **Campinas: Recordações** (1 927), indispensável para o conhecimento do passado da cidade. Eis como o grande jornal de São Paulo noticiou, em sua edição de 2 de junho de 1 939, o falecimento do grande campineiro, ocorrido dois dias antes:

“No cemitério da Saudade, em Campinas, realizou-se, ontem, o enterro de Leopoldo Amaral, o nosso velho companheiro de trabalho, cujo trespasse foi publicado por esta folha em notícia apressada, de última hora, em nossa anterior edição.

Ligado a este jornal desde o tempo da Monarquia, quando ainda ele se chamava **A Província de São Paulo**, a sua morte repercutiu dolorosamente nesta casa, onde o velho jornalista contava em cada redator um amigo e um admirador.

Tendo sido nosso correspondente em Campinas desde 1 886, foi Leopoldo Amaral, no **Estado**, até há pouco, o fiel narrador e comentador dos fatos da vida campineira e mesmo, mais tarde, quando a sua avançada idade e estado de saúde o obrigaram a abandonar a atividade jornalística, de tempos a tempos, continuou a deleitar os seus inúmeros leitores com os seus interessantes artigos sobre a história da velha cidade paulista.

Dedicando um entranhado amor à sua terra natal, nas suas apreciadas correspondências, sempre vazadas em estilo fluente, sempre cheias de vida e colorido, foi fixando, anos após anos, nas colunas desta folha reservadas às notícias do interior, os acontecimentos mais importantes ali ocorridos. Investigador paciente dos arquivos, testemunha ocular de muitos episódios históricos da vida campineira, íntimo de ilustres varões que tanto elevaram o nome do burgo tradicional de Barreto Leme, de quem descendia em linha reta, era Leopoldo Amaral, de há muito, o maior conhecedor dos fastos de Campinas.

Era filho do antigo lavrador Antônio Francisco do Amaral Gurgel, que foi pessoa influente naquela cidade, tendo ocupado a presidência da Câmara Municipal de 1 853 a 1 856, e de D. Maria Isabel de Melo. Nascido em 20 de dezembro de 1 856, desde cedo demonstrou a sua propensão para as letras, havendo entrado ainda bem moço para a redação da **Gazeta de Campinas**, naquela época dirigida pelo luminoso espírito de Carlos Ferreira.

Encarregando-se do noticiário, introduziu na imprensa campineira a reportagem, que era então uma novidade só conhecida dos grandes jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Naquele tempo, formavam na imprensa de Cam-

pinas vultos da estatura de Campos Sales, Francisco Glicério, Júlio Mesquita, Júlio Ribeiro, Henrique de Barcelos, Alberto Sarmiento, Hipólito da Silva, Sampaio Ferraz, João Vieira de Almeida, Aprígio Cesarino e outros.

Dando, então, largas ao seu espírito idealista, tomou parte ativa na campanha da abolição e na propaganda republicana, ao lado de ilustres campineiros.

Embora se tivesse dedicado durante algum tempo ao comércio, como sócio da firma Martins, Leopoldo & Cia., em verdade nunca se afastou da imprensa.

Após a proclamação da República, foi nomeado secretário da Câmara Municipal de Campinas, cargo que exerceu com raro zelo e proficiência até 30 de dezembro de 1915, quando se aposentou.

Dotado de um coração boníssimo e de um espírito ilustrado, não havia em Campinas quem não lhe dedicasse a mais profunda estima e, mesmo, veneração. O acendrado amor que dedicava à sua terra natal, traduzido em todos os atos de sua vida, e mais claramente revelado nas suas inúmeras crônicas em que nunca se cansava de exaltar-lhe a beleza, o progresso, as magníficas tradições, os seus grandes homens e os seus feitos, grangearam-lhe uma extraordinária e merecida popularidade, podendo-se afirmar que na atualidade ocupava o primeiro lugar na estima e consideração dos seus conterrâneos.

No fim de sua vida, havendo sofrido o rude golpe de perder a companheira, a sua idolatrada esposa, D. Alda Barbosa do Amaral, e tendo uma única filha residindo em Santos, tal era o amor que dedicava à sua Campinas, que preferiu Leopoldo Amaral viver sozinho, naquela cidade, longe dos seus, a respirar outro ar que não fosse o do seu berço natal.

Deixou o velho jornalista, além de **Campinas: Recordações**, obra em que enfeixou episódios da história de Campinas, um sem-número de artigos e crônicas publicados nesta folha e nos jornais campineiros. Foi fundador e diretor de quase todas as casas de caridade de Campinas, assim como sócio honorário da maioria das associações recreativas e culturais daquela cidade. Exerceu durante muitos anos o cargo de secretário da mesa administrativa da Santa Casa de Misericórdia local, tendo sido, quando, por motivo de saúde, foi obrigado a abandonar a sua atividade, agraciado com o título de secretário perpétuo daquela instituição.”

Leopoldo Amaral acha-se homenageado em Campinas com uma rua e com um busto. A rua, na vila Marieta, denominada pelo Decreto-lei nº

311, de 13 de novembro de 1945, sendo prefeito municipal o Dr. Joaquim de Castro Tibiriçá. O busto, na Praça Imprensa Fluminense, bem em frente ao local onde se situava sua casa, na rua General Osório quase esquina com Júlio Mesquita, onde se ergue hoje um edifício de apartamentos. Com as obras de urbanização para a construção do Centro de Convivência, seu busto foi ligeiramente deslocado alguns metros do primitivo local. ONM*

*

* *

TRANSCRIÇÃO

ASPECTOS DA SIDERURGIA E DA MINERAÇÃO NO BRASIL ATRAVÉS DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Marcos Carneiro de Mendonça

Quando na sessão de 18 de agosto de 1838, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, Raimundo José da Cunha Matos e Januário da Cunha Barbosa propuseram a criação de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, filial da mesma sociedade, a situação social da humanidade em relação à indústria era bem diferente da do fim do século XIX, e talvez não contassem eles com a perpetuidade de sua iniciativa.

A idéia luminosa de Cunha de Matos e de Cunha Barbosa teve, entretanto, o acolhimento que merecia, pois a 21 de outubro de 1838 alcançava a devida consagração, fundando-se o douto e benemérito Instituto.

Justificando essa bela criação, diziam eles que sendo inegável que “as letras, além de concorrerem para o adorno da sociedade, influem poderosamente na firmeza dos seus alicerces”, e são, também, “de uma absoluta e indispensável necessidade, principalmente àqueles que, versando sobre a história e a geografia do país, devem ministrar grandes auxílios à pública administração e ao esclarecimento de todos os Brasileiros”.

Tem sido essa a tarefa do Instituto, confirmada pela tradição e constatada através dos escritos de sua Revista.